

Ernesto Nazareth

por Homero de Magalhães

(Texto reproduzido na seção de textos do site www.ernestonazareth150anos.com.br com autorização da família do autor)

Ernesto Nazareth não é o que se costuma chamar de compositor erudito, uma vez que ele não abordou as formas superiores da música. Porém o seu gênio dentro do panorama da Música Brasileira se destaca de tal forma que ele não pode permanecer ignorado pelos que lidam com coisas musicais. Não tenho o menor receio de declarar que Villa-Lobos e Ernesto Nazareth foram os dois gênios musicais autênticos que o Brasil já produziu dentre um sem número de homens talentosos. O seu manejo dos elementos musicais, a sua inspiração melódica, a sua sensibilidade harmônica e os seus ritmos denotam tal originalidade que suas peças (populares) são verdadeiros poeminhas musicais, muito mais importantes e expressivos que as peças tradicionais de nossos sábios e doutos compositores eruditos.

A experiência musical nos ensina que o fato de saber compor uma Sonata não transforma ninguém num compositor. Uma forma bem simples de música como uma leve peça dançante pode encerrar muito maior coerência orgânica e significado nas suas ideias musicais do que uma Sonata ou Fuga construídas segundo cânones escolares perfeitos. Essa é a razão pela qual um Laendler de Schubert ou uma Valsa de Johann Strauss são muito mais importantes que a Sonata de Carl Czerny, por exemplo.

Pouco se sabe sobre a vida de Ernesto Nazareth. Ao contrário do que se poderia pensar, ele era um homem de hábitos pacatos e sossegados. Não bebia, não era boêmio. Não tinha nada a ver com os "chorões", célebres fazedores de serenatas ao som do pinho, pelas ruas cariocas de então.

Nasceu ele em 1863 no morro do Nheco, perto do morro do Pinto, afamada favela do Rio de Janeiro. Estudou piano e um pouco de composição com professores que se chamaram Eduardo Madeira e Lucien Lambert. Segundo Consta, este último logo declarou que o aluno já sabia mais do que ele e deu o ensino por encerrado.

Ainda menino, em consequência de uma queda começou a ter problemas de audição que se agravaram com o decorrer dos anos.

Aos 14 anos editou ele a 1ª peça, a Polca "Você bem Sabe". Aos 16, teve editada a polca "Cruz, Perigo!", que popularizou-se rapidamente. Começou então o sucesso. Nazareth participou de concertos e apresentações nos clubes do Rio: São Cristóvão, Engenho Velho, Riachuelense e outros.

Em 1886, casou-se com Theodora Amalia Leal de Meirelles com quem teve 4 filhos: Eulina (que conheci), Diniz, Maria de Lourdes e Ernestinho.

Em 1893 teve editado o tango "Brejeiro", seu primeiro grande sucesso. Nessa época Nazareth já vivia da venda de suas composições, de aulas de piano e de tocar em bailes, batizados e casamentos. Sua celebridade estendeu-se a todo o território nacional. Começou a trabalhar como pianista demonstrador na Casa Vieira Machado na rua dos Ourives, hoje Miguel Couto.

No dia 6 de julho de 1909, tomou parte em um recital no Instituto Nacional de Música, então situado na rua Luís de Camões, no qual interpretou Corbeille de Fleurs e o Batugue de sua autoria e acompanhou Heitor Villa-Lobos na peça "Le Cygne" de Saint Saens para violoncelo e piano... Esta talvez tenha sido a primeira apresentação pública de Villa-Lobos, então com 22 anos.

Em 1910 começou a tocar na sala de espera do antigo Cinema Odeon, na Avenida Central (hoje Avenida Rio Branco), nº137, na esquina da rua Sete de Setembro, ano em que editou o famoso tango Odeon.

Em 1913 deixou o Cinema Odeon. Sua celebridade era tal que grandes homens como Ruy Barbosa, Henrique Oswald, Darius Milhaud (então adido à Embaixada Francesa no Brasil), Arthur Rubinstein, Francisco Mignone compravam entrada somente para ouvi-lo.

Ernesto Nazareth pertencia àquela categoria de tocadores de piano, "pianeiros", como diz Mario de Andrade, que proliferou por volta de 1900. Eram os "pianeiros" grandes improvisadores e grandes tocadores de valsas, polkas, maxixes, personagens obrigatórios de bailes, casamentos, aniversários e batizados. Não existiam ainda o rádio, o disco e a televisão e os "pianeiros" se encarregavam da música para esses "assustados", como se dizia. Nazareth às vezes tocava em bailes por 50 mil réis, segundo parece. Os "pianeiros" faziam, pois, essa música e suscitavam nas gatinhas paixões ferozes. Tinham um toque macio e dengoso, que só desapareceu com a invasão da técnica de percussão do "jazz" americano. Nomes desses afamados "pianeiros": Aurelio Cavalcanti, pófrio da Alfândega, Xandico, etc. Na técnica de Nazareth estão presentes essa macieza, esse humor, esse espírito frajola, carioca, típicos do "pianeiro", nada de dureza, nada de rompantes, já um total antagonismo com a técnica do "jazz" que o bom intérprete não pode perder de vista. Ele impressionava mais pelo "charme" que pelo virtuosismo; pelas sonoridades rebuscadas, pelas langorosas fermatas, pelos rubatos e pela bossa espirituosa que devia ser a "bossa nova" da época que provavelmente consistia naquele ritmo gostoso não muito rápido, não muito forte, nem muito ritmado mesmo (Ex: 4 compassos do Perigoso). A popularidade de Ernesto Nazareth para uma época que não contava com os meios de divulgação que temos hoje, foi absolutamente colossal! Sua obra difundiu-se pelo Brasil inteiro na classe média e no povão. O interessante é que os que torceram o nariz para essa maravilhosa música foram exatamente (com honrosas exceções) alguns eruditos e semi-eruditos compositores e intérpretes, pelo fato de tratar-se de música de salão. Compositores de salão também foram Schubert com suas Danças, Valsas, Galopes e Gabriel Fauré, autor de Valsas-Capricho algumas já bem "demodées" e mesmo o velho Chopin em algumas Valsas, Rondós, obras primas porém de "agrément".

Podemos pois dizer que a obra de Nazareth se situa num limite bastante indefinível entre o erudito e o popular. Ele não aborda nenhuma forma mais complicada; somente pequenas incursões na forma do Minuetto (ele escreve Trio nas partes centrais de certas composições e às vezes utiliza o baixo do tipo Musette). Variações há poucas (Chave de Ouro), imitações canônicas podem ser encontradas no Bambino e no Labirinto. O plano harmônico das peças é simples mas a escrita pianística é, às vezes, rebuscada. Esse pedantismo da escrita revela dois aspectos interessantes:

1. Nazareth era um homem fino, de boas maneiras e portanto escapava à categoria dos boêmios que presumivelmente conhecia bem.

2. O rebuscamento da escrita e o preparo musical revelados por ele indicam a vontade de fugir do âmbito barato da música estritamente popular. Esse intento foi alcançado porém ele nunca pode ser considerado como totalmente desligado da Música Popular em si. Suas peças devem, sim, constar de um programa de recital, proeza essa que fui o primeiro a realizar em 1965 (havia na época grande preconceito, era o tempo em que só se podia entrar nos cinemas de terno e gravata...), num recital no Clube Caiçaras, no Rio de Janeiro. Por esse tempo os grandes pianistas Arthur Moreira Lima, Roberto Szidon, Eudoxia de Barros, Gerardo Parente, todos grandes nazarethianos, ainda não tinham nascido ou estavam engatinhando).

Luciano Gallet, em 1922 programou um concerto no Rio de Janeiro, no qual foram executados entre outros, Brejeiro, Nenê, o Turuna, o Bambino, concerto esse que terminou com a intervenção da polícia tal o escândalo causado. Até então Nazareth não tinha acesso às importantes salas de concerto, apesar de sua celebridade.

Em 1926 fez ele uma tournée por S. Paulo onde sua apresentação no Teatro Municipal foi precedida por uma palestra de Mario de Andrade.

Em 1932 fez uma tournée pelo Rio Grande do Sul tocando em Porto Alegre, Rosario e Livramento. Quando estava em Montevideo aguardando o navio que o traria de volta ao Rio, sofreu uma grave crise nervosa dentro de uma casa de instrumentos musicais. No Rio, sua situação agravou-se pois o compositor apresentava comportamento de quem era portador de sífilis e a doença havia começado a atingir seu sistema nervoso.

Internaram-no na Fundação Gafrée Guinle que era então o Hospício D. Pedro II na Praia Vermelha. Em 1933 foi internado na Colonia Juliano Moreira, em Jacarepaguá de onde fugiu em 1º de fevereiro de 1934. Foi encontrado no dia 4, afogado nas águas da represa existente na floresta que fica nos fundos da Colonia. Tinha ele 71 anos e estava completamente surdo.

Ernesto Nazareth é o nosso Johann Strauss, o nosso George Gershwin e sua obra deve ser respeitada como grande obra. Ele maravilhou o fim do século XIX e o início do XX. Os que o ouviram pessoalmente, até hoje falam dele com emoção. Por minha parte, eu que não o ouvi, posso afirmar que ao consultar as peças que deixou, só posso ficar deslumbrado diante da facilidade e da experiência pianística que o compositor nos faz ali entrever. A dificuldade de certas peças, para só falar do ponto de vista instrumental, é, em certos casos, imensa. Elas exigem sobretudo um tipo de técnica flexível, uma grande independência de gestos difícil de adquirir. Sua música é dotada de grande humor, de grande "bossa" que por ser característica das malandragens e da carioquice daquele tempo talvez não seja de fácil assimilação para os da atual geração, expostos a outro tipo de expressão ou de malandragem... Esse espírito indefinível está presente em sua obra, para os que sabem ouvir. Quem começa a tocar o Ranzinza, logo compreende em que consiste esse humor gracioso de nossa música popular que Nazareth preservou com tanto acerto em seus tangos e valsas e que foram de um modo ou de outro transmitidos à música atual, apesar de toda a agressividade contida nos gêneros musicais estrangeiros que nos influenciam...

Vista no conjunto, a obra de Ernesto Nazareth não deixa de ser uma vasta pintura de seu tempo, como o foi por exemplo a obra de François Couperin, le Grand, no século XVIII, guardadas as devidas proporções e respeitados os limites de cada um. Os títulos de seus tangos e valsas mostram grande número de nomes e personagens. Encontramos, por exemplo:

1. Personagens reais ou imaginários (mulheres): Julieta, Noemia, Julita, Helena, Henriette, Mercedes, como em Couperin, La Monflambert, La Sophie, La Crouilly, etc.

2. Caracteres (adjetivos): Tenebroso, Atrevido, Duvidoso, Espalhafatoso, Arrojado, Perigoso, Insuperável, Sagaz, Retumbante, Favorito, Faceira, Vitorioso, Sutil, Soberano, Plangente, Elegantíssima, Correta, Expansiva, etc. como em Couperin, La coquine, Le ténébreuse, L'attendrissante, L'étourdie, La majestueuse, La favourite, etc.

3. Nomes de entidades, datas: Nove de Julho, Ameno Resedá (dedicado ao glorioso rancho carnavalesco do mesmo nome, diz ele em sua dedicatória), Myosotis (ao gentil gremio Myosotis), Fon-Fon (revista), Beija-Flor, Chave de Ouro.

4. Nomes e locuções estranhas e enigmáticas: Digo, Podia ser pior, Vesper, Talisman, Sarambeque, Bambino, Tupinambá, Você bem Sabe, Segredo.

5. Nomes típicos de peças características: Feitiço, Gotas de Ouro, Saudades, Ferramenta, Remando, Caçadora, Pipoca, Cavaquinho porque choras, Apanhei-te Cavaquinho, Labirinto, Confidências, Está chumbado, Escorregando, Genial, Celestial, Crê e espera, Sustenta...a nota, Garoto, Carioca, Pierrot, Nenê, Jangadeiro, Alerta, Arrufos.

Naturalmente esses títulos tem sempre uma relação com o "ethos" da música. Em alguns casos não passam de denominações homenageando pessoas. Outras vezes trata-se de peças como o Tenebroso que coincide com La Ténébreuse de Couperin, ambas no registro grave do piano com harmonias estranhas ou como o Travesso de ritmo ágil e saltitante como La Coquine, ou ainda o Favorito (La favorite). Há ainda peças de intenção descritiva como Pássaros em Festa, etc.

Vemos assim que a par da real beleza de suas obras, Ernesto Nazareth teve ainda uma função social realmente importante ao descrever-nos à sua maneira o seu tempo, pondo-nos em contato com o espírito do início do século. Sua obra de modo geral pende para a sátira, dotada que é de grande dose de humor. Sua veia satírica, sua alegria é, às vezes, interrompida por momentos em que se pode entrever uma certa tristeza e melancolia herdados por via direta do compositor que mais o influenciou: Frédéric Chopin. Evidentemente, certos encadeamentos por ele empregados, definem um pouco daquele sentido triste e melancólico que desde séculos se atribui às harmonias menores, à 7ª de sensível, como por exemplo nos seguintes exemplos: Cutuba, Myosotis. No tango Está Chumbado, Nazareth é verdadeiramente chopiniano (ex.).

Ernesto Nazareth compôs apenas 4 ou 5 tipos de peça: Tangos, Valsas, Polkas, Schottischs. Há ainda uma Mazurka, um Improviso, dedicado a Villa-Lobos, um Tango Argentino, ao todo cerca de 240 peças. A maior quantidade é de tangos.

O tango brasileiro, o tanguinho como o chamavam é um descendente direto

da habanera cubana e da polka. Aqui estão os dois ritmos (ex.). É necessário não confundir o ritmo do tango brasileiro com o do tango argentino, muito mais lento, descendente da milonga. O andamento do nosso tango está mais próximo do maxixe que fez furor na Europa por volta de 1870 (?) e que se usa confundir com o tanguinho. Nazareth se aborrecia com essa confusão e fazia questão de frisar que não era compositor de maxixes, como o foram Eduardo Souto, Donga, Sinhô, etc. O tango brasileiro tem a rítmica ainda bastante europeia. Com Ernesto Nazareth (e daí vem seu imenso valor) esse tipo de peça adquire uma feição nacional:

O plano construtivo de suas peças é bastante simples. Em geral, elas se compõem de 2, 3 ou 4 partes em períodos regulares de 8 compassos com a seguinte forma e harmonização:

ABA-C-ABA = Modo Maior: I-V-I--IV--I-V-I (às vezes somente ABA-C-A)

Modo Menor: I-III-I---VI---I-III-I

ABC-A = Modo Maior: I-VI-IV---I

Modo Menor: menos frequente

Quanto ao plano harmônico, dentro de cada seção vemos em geral T-D várias vezes e emprego de um acorde que substitua o IV antes da cadência: 6ª napolitana ou 7ª do II grau. Processos simples, mozartianos, chopinianos, porém geniais. O cromatismo pré-wagneriano das mazurcas de Chopin também está presente em suas valsas (Confidências, Elegantíssima).

Seus ritmos também se reduzem a pouca coisa, que hoje nos parece já bem explorada assim como a harmonia mozartiana também nos parece superada... entretanto com ou então aproveitamento de certas síncopes durante bastante tempo como no Ranzinza, Cavaquinho porque choras, etc.

As influências que podemos discernir na obra de Ernesto Nazareth são várias... Não se pode negar que a mais presente é a de Chopin e em seguida a de Schumann. A de Chopin é mais patente na maneira de harmonizar e me parece mais visível ainda na escrita pianística e na técnica de acompanhamentos variada que ele utiliza, bem como em certos cantos melódicos, dignos do grande polonês (Digo, Confidências).

Também chopinianos, porém com a chancela de Ernesto Nazareth são os compassos de cadência das várias partes com a célebre "viradinha" que todos conhecemos e que vemos por exemplo no Odeon e em outras peças, que tanto podem ser chopinianos como podem indicar uma passagem virtuosística de uma clarineta popular! Também marcante é a sua maneira segundo a dinâmica e segundo o desenrolar da peça, de mudar de registro no piano, variar o acompanhamento e os ritmos dentro das partes em si, processos típicos dos clássicos e visível no Tenebroso e no Brejeiro. Ainda típica de Nazareth é a sua escrita de "pianeiro", com o canto em acordes: Perigoso, Está Chumbado.

_____ A influência de Schumann está visível em Vitorioso, Tupinambá, Cutuba, etc.

_____ A influência de Franz Schubert é evidente e está patenteada na rítmica europeia por ele abrasileirada nas polkas, schottisches e outras danças.

_____ A rigor, para falarmos de compositores eruditos, há influência de Bach na maneira de escrever polifonicamente (Fon-Fon) e de Brahms na generosidade da

escrita pianística (Bambino).

Nas suas valsas ouve-se ainda Johann Strauss e também as valsas francesas de salão "a la Fauré", influências que o levariam a patentear um tipo especial de valsa bem nossa, nostálgica, langorosa.

Não se detecta nenhuma influência americana e sim alguns vestígios de Liszt (Elegantíssima), porém poucos...

Interessantíssimas são as suas indicações de caráter e de gênero, dignas de Erik Satie: Com mimo, Bem misturado, Com influência, Duvidoso, Mimoso, Imponente, Com ímpeto, Gracioso e com carinho, Com entusiasmo e ainda (no Apanhei-te Cavaquinho) esta notável indicação: Muito própria para serenatas.

Aspecto importantíssimo é a presença que tem na música de E. Nazareth a imitação de instrumentos populares brasileiros; Flauta (Ameno Resedá), Cavaquinho (Idem), Violão (Tenebroso), Clarineta (Remando), Trombone (Myosotis, Genial), Tutti (Tenebroso), oficleide (?).

Finalmente suas fórmulas de acompanhamento pianístico, originais e inesgotáveis (Carioca, Fon-Fon, Ameno Resedá, Matuto, Nenê, Myosotis - cruzamento de mãos), a beleza de suas ideias melódicas, a força contida na sua impressionante rítmica, fazem de Ernesto Nazareth o criador de um pianismo brasileiro incomparável e que não se pode encontrar em outras latitudes.

Bibliografia:

1. Almeida, Luis Antonio - Preciosas anotações do jovem musicólogo brasileiro, profundo conhecedor da obra do autor, a quem agradeço.
2. Diniz, Padre Jaime C. - Nazareth - Estudos Analíticos - DECA - SENEC Recife, 1963.
3. Pinto, Aloysio Alencar - Ernesto Nazareth / Flagrantes - Revista Brasileira de Música - OMB - Rio, ano II nº5 abr/jun/63, pg.13
4. Itiberê, Brasília - Ernesto Nazareth na Música Brasileira - Boletim Latino-Americano de Música - V/6 (abril 1946), pg 309/321.
5. Barroso, Juarez/Silveira, Emilia - Um tal Maxixe, gostoso e proibido (artigo) - Jornal do Brasil, Caderno B, Rio, 07/09/74